

O FUTEBOL BRASILEIRO: ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

Agnaldo Kupper¹

Futebol se joga na praia, futebol se joga na rua, futebol se joga na alma. A bola é a mesma: forma sacra para craques e pernas-de-pau

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A partir da popularização/democratização do futebol no Brasil, a prática criou crostas no cotidiano e no imaginário do brasileiro, passando a funcionar como um mecanismo regulador da vida social. Os veículos de comunicação passaram a colaborar para a difusão de ideias e legitimação de discursos em prol do futebol, corroborando com interesses políticos e midiáticos.

Palavras-chave: Futebol. Imaginário. Imprensa. Espectacularização.

ABSTRACT

Brazilian football: between the real and the imaginary

From the popularization/democratization of football in Brazil, the practice created crusts in the daily life and in the Brazilian imagination, starting to function as a regulatory mechanism of social life. The communication vehicles started to collaborate for the diffusion of ideas and legitimation of speeches in favor of football, corroborating with political and media interests.

Key words: Football. Imaginary. Press. Spectacularization.

1 - Mestre e Doutor na área de História Social pela Universidade Estadual Paulista-UNESP, Brasil.

E-mail do autor:
agnaldokupper2009@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Memórias, crenças, mitos, símbolos e representações de uma realidade, quando compartilhados por comunidades e sociedades, compõem o imaginário coletivo e constituem um patrimônio comum, não sem a influência dos meios de comunicação.

A capacidade do ser humano de imaginar e de estar ligado ao imponderável, pode ser considerada uma das essências do espírito humano que influencia o cotidiano, ou seja, “a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe” (Pitta, 2005, p. 15).

Em um contexto simplório, o imaginário envolve as representações que dão sentido ao mundo, indicando como tais concepções fixam-se no inconsciente coletivo, o que significa que o imaginário trabalha várias interconexões, como o sonhado e o não vivido.

No contexto do pensamento ocidental, o imaginário é colocado, em normalidade, como aquilo que é contrário ao real e à racionalidade por se localizar no campo das representações sociais e do simbólico. Vale dizer, no entanto, que a imaginação alimenta as artes, as ciências e a cultura.

É relevante buscar o entendimento das formas como os indivíduos produzem as representações de si e do mundo e como tal processo se estrutura dentro de determinada dinâmica social.

Neste sentido, refletir sobre a representação social do futebol em um imaginário compartilhado pode permitir entender o que uma coletividade pensa de si e qual sua visão de mundo, uma vez que não se pode negar que, particularmente no Brasil, a prática futebolística está inserida nas relações sociais e como tal sujeita a novas participações, a novos sentidos e significados, o que constitui a prática como integrante das mudanças engendradas pelo processo histórico.

Se o imaginário pode ser considerado o estado de espírito de um povo (Maffesoli, 2001), o conjunto de imagens e relações de imagens (Durand, 1994) e uma rede de valores e de situações partilhadas (Silva, 2012), futebol e imaginário, no Brasil, atuam no mesmo time.

Para deixar de ser folclórico e de ser visto como vazio, o futebol necessita ser historicamente desconstruído e desprezar o tema é rejeitar o cotidiano, o lúdico, o sentimento que permeia gerações, por onde

insatisfações, frustrações e explorações de um povo são extravasadas.

Afinal, para quê e para quem serviu e serve o futebol? Como a prática enraizou-se tão violentamente na alma do povo brasileiro? Como uma pessoa ganha paixão pelo seu time a ponto de ver seus dias transformados após uma conquista, de trajar-se como se fizesse parte do elenco de uma agremiação, de zombar do derrotado, de se satisfazer com a humilhação do inimigo? A espetacularização contemporânea do futebol, no entanto, estaria afrouxando as amarras do romantismo edificado em torno da prática?

Imaginário e imaginação

O imaginário social é composto por um conjunto de visões e atua na memória afetiva e social da cultura de uma coletividade, depositário que é da memória a partir das relações dos indivíduos com a vida cotidiana.

Deleuze (1992) entende que o imaginário constituiu uma válvula de escape para sensações, o que, de certa forma, remete-nos à noção de alienação de Karl Marx pelo fato do imaginário, na visão marxista, expressar as contradições reais entre produtor e produto reificado, em uma solução para as contradições reais.

Bronislaw Baczko (1924-2016) indica que o imaginário não é um ornamento ou um resquício de uma suposta realidade por se tratar de um fenômeno tão real quanto a realidade imaginada e que por meio do imaginário uma sociedade busca atingir aspirações e medos, identificando inimigos e organizando toda uma trajetória histórica de vida (presente, passado, futuro), em resposta aos seus conflitos, desejos, valores e aspirações.

Dessa forma, através do imaginário, ideologias, rituais e mitos são expressos, articulando e dirigindo condutas contínuas ou descontínuas para preservação da ordem ou mesmo em busca de mudanças do que está estabelecido.

Baczko (1985, p.296-332) afirma, ainda, que o imaginário (e suas representações coletivas) está associado ao poder, estruturando-se como um aspecto da vida social vinculado a redes simbólicas pelas quais uma coletividade direciona regras, normas e objetivos.

Fato é que o imaginário está relacionado com a realidade e é transformada

por ela, podendo ser pertinente a um conjunto de valores, desejos e sentimentos instalados em uma bacia semântica, como rios que continuamente fazem seu curso e trajeto e deságuam em um rio mais encorpado e denso, o que explica a formação e transformação do imaginário através de um repertório comum partilhado (Durand, 1994, p.11).

Gilbert Durand chegou a afirmar que todo pensamento humano é representação e, por isso, passa por articulações simbólicas, definindo o imaginário como "(...) o conector necessário por meio do qual se constitui toda a representação humana, encontrando-se, então, subjacente aos modos de ser, de pensar e de agir dos indivíduos, das culturas e das sociedades" (Durand, 1994, p. 27).

Se assim, as histórias orais são exemplos claros da manifestação cultural de uma sociedade por se estruturarem como modos de ver aquilo que está no imaginário.

Seja mito ou lenda, o que vivenciamos expressa as crenças, a linguagem, o modo de vida e a forma de expressão de uma sociedade. Ou seja, o imaginário permite ao ser humano criar e viver com tais criações e engloba o cotidiano dos indivíduos ao se transformas em concreto.

O imaginário foi desprezado até meados do século XX, numa herança iluminista que observava a imaginação como ficção, como fantasia, como invenção.

No entanto, a partir da crítica feita pelos Annales ao historicismo marxista, passou-se a valorizar objetos considerados até então de pouca relevância para a compreensão das dinâmicas sociais das diversas sociedades, com ênfase ao aspecto cultural, como bem analisa Pesavento:

A nova tendência passou a afirmar a não existência de verdades absolutas, marcando o recuo de uma posição cientificista (...) Estimulando novos olhares e abordagens com a realidade, em uma e outra vertente, a história social dos anos 1960 e 1970 restabeleceu o ofício do historiador. Como um mestre da narrativa, este é alguém que, munido de um método, resgata da documentação empírica as chaves para recompor o encadeamento das tramas sociais (Pesavento, 1995, p. 12).

A partir da Nova História, o imaginário social passou a ser compreendido como um

mecanismo que regula a vida social, atuando como um eficiente controle de uma coletividade e uma legitimação do poder, permitindo ao indivíduo organizar e ajustar o mundo às suas necessidades e aos seus conflitos pessoais com o mundo vivido, o que significa dizer o imaginário é composto por referências que elaboram uma identidade, estipulando papéis e posições sociais, edificando códigos de comportamento, salientando narrativas míticas que podem ser utilizadas como forma de se obter coesão social ao legitimarem as hierarquizações sociais. E é através das imagens criadas de si (a depender da época) que uma sociedade manifesta suas intenções e o seu lugar em um contexto histórico.

Cornelius Castoriadis (Castoriadis, 1982, p. 51) indica que o imaginário é utilizado em referência a algo inventado, seja uma invenção absoluta, seja uma história imaginada em todas as suas partes ou de um deslocamento de sentido, no qual os símbolos disponíveis são investidos de outras significações, normais ou canônicas, o que remete à ideia de que o imaginário não seria a negação do real, mas é apoiado nele para a estruturação de novas relações a partir do que aparenta ser insuspeito, onde o simbólico e o imaginário se relacionam na busca de expressão. Daí certas visões e ideias obterem permanência, irradiando-se e perpetuando-se como naturais.

A aplicabilidade simbólica do imaginário constitui tornar real, sentido e vivido por determinada sociedade algum fenômeno originado pela imaginação, dando-lhe legitimidade, como a si mesma. Quanto à natureza simbólica do imaginário,

Caso relacionemos os pensamentos de Castoriadis à Gilberto Freyre, podemos observar que os pensamentos do segundo adquiriram certa autonomia na representação da sociedade e do futebol brasileiro, muito pelo estilo freyriano romanceado e permeado por simbologias, embora Freyre tenha deixado claro seu engajamento no sentido de produzir um imaginário coletivo do país, isto porque o pernambucano chegou a reclamar, no prefácio da edição de Casa Grande & Senzala (1933), da incumbência de sua geração de fazer o Brasil compreender-se.

Futebol: espelho e imaginário

Nascido na Inglaterra industrial dos anos 1860, o futebol moderno ganhou regras fixas e, desde então, tem sido o sujeito predileto de intensas projeções simbólicas e imaginárias no planeta, embora territórios que se associaram forçadamente ao império britânico tenham resistido ao esporte, caso da África do Sul, Austrália, Estados Unidos da América, Canadá e Nova Zelândia (da mesma forma no mundo islâmico, onde o futebol passou a se desenvolver apenas a partir da década de 1970, depois que o símbolo do imperialismo deixou de ser o inglês para ser o estadunidense, sem grande tradição na prática). Resistências...

Embates, tempo medido, lutas pela titularidade e aceitação, torcidas agindo como partidos políticos, advertências, discussões de teses, improvisos, transgressões, práticas de alienação, simbologias da socialização, teatralização da vida social, tentativas de reparação de injustiças, onde o campo é o espaço da guerra e a bola a presa desejada, onde um árbitro atua em prol da produção procurando evitar o desperdício e a poupança (diferentemente de esportes como o vôlei e o basquete, onde o tempo e as ações são medidas de forma rigorosa, além de normalmente serem praticados sob a proteção de um ginásio, ao contrário do futebol, movimentado ao ar livre, embora na contemporaneidade comecem a proliferar as arenas climatizadas).

Fato é que ninguém que acompanha o bolapé o faz apenas para ver seu time triunfar, mas o faz para aprender a viver, para compartilhar coisas boas e ruins, em um exercício que possibilita entender que não se pode controlar tudo o que ocorre. Ao ver o time do coração derrotado, se aprende a aceitar fracassos pessoais, o que permite lidar melhor com a vitória, entendendo que ela pode ser passageira. Torce-se por uma agremiação sem ser exigido nada em troca.

O futebol se assemelha às guerras ritualísticas de povos tradicionais. São disputas agonísticas, em que o importante é sobrepujar o adversário sem causar mortes (Kupper, 2021).

Os cantos, as bandeiras e a percussão da torcida fazem parte do ritual do jogo. Expressões utilizadas no meio desse esporte

como “tiro-de-meta”, “canhão”, “ataque”, “defesa”, “artilheiro”, “batalha”, “convocação”, “lançamento”, entre outros, são comuns e fazem parte de seu vocabulário (não espanta as táticas do jogo da bola evoluírem de acordo com as disposições de tropas no terreno em que elas devem combater, o que pode ser observado em lutas pela descolonização da Argélia e do Congo na segunda metade do século XX).

Michel Houellebeck (2008, p. 10), escritor francês, afirma que o futebol seria a saída para frustrações ligadas ao desaparecimento das guerras e arte para as frustrações ligadas à proliferação da democracia, transformadora das sociedades em um rebanho obediente e uniforme entre si, embora tenhamos, através do futebol, a cristalização de rivalidades: protestantes e católicos na Escócia (vide Rangers x Celtic), maragatos e federalistas no Rio Grande do Sul (Internacional x Grêmio Porto Alegrense), catalães e adaptados na Espanha (Barcelona x Real Madrid). Escolher um time é para a vida toda.

Futebol se joga como se guerreia: com as armas que se possui, com os espaços geográficos, políticos e sociais que se tem à mão. Ou seja, o futebol está vinculado ao poder e à tentativa de vencer bloqueios à base da força da estratégia. Um bom exemplo provém da seleção holandesa na Copa do Mundo de 1974, realizada na Alemanha: uma equipe articulada para não guardar posição e preencher os espaços do campo de jogo, esquema que pode ter se inspirado nas características naturais do pequeno território neerlandês constituído de regiões planas, forte presença do mar e densamente povoado.

Walter Benjamin (1984), sugere que o futebol seja um jogo constituído de uma porção masculina e outra feminina, com os atacantes representando os caçadores e o goleiro o protetor do espaço que não pode ser penetrado, violado. Porém, talvez a sugestão de Benjamin não nos sirva mais por algumas razões. Uma delas: há o avanço social do feminino. Outra: atualmente, o guarda-metas participa plenamente do jogo, como líbero, batendo faltas e penalidades máximas. Até sua vestimenta abandonou o cinza ou o preto e coloriu-se, indo do rosa ao amarelo “marca-texto”. Tempos de equiparação.

Não se deve estranhar o desenvolvimento do esporte moderno associado ao capitalismo industrial: racionalização, padronização e cálculo de performance, acompanhando a transição para a vida de base urbano-industrial competitiva e em busca da eficiência.

Dessa forma, práticas como o basquete, o vôlei e o futebol passaram a responder às novas circunstâncias urbanas e disciplinares, quando o tempo cronométrico foi transformado em fator para avaliações, o que significa dizer que o espírito profissional passou, paulatinamente, a superar o espírito lúdico. Especificamente, o futebol caiu nas graças dos trabalhadores fabris talvez pelo fato destes poderem recuperar o que lhe é retirado pela linha da produção, promovendo uma sensação de pertencimento a si e não à fábrica, transformando-se em hobby de inúmeros assalariados.

Agnes Heller (1977, p. 35) afirma que os hobbies apontam para a necessidade humana de criar um mundo diferente, distinto do real, ou seja, de fuga da realidade, onde é estruturada uma pseudoindividualidade, o que significa apontar para a busca da substituição do real pelo imaginário, indicando que quanto maior é a liberdade social e menor a alienação do trabalho, mais o jogo é praticado sem responsabilidades; ao contrário, quanto maior a alienação e menor a liberdade, o jogo torna-se uma fuga e refúgio à opressão.

No Brasil, embora tivesse a chancela colonial de tudo o que vinha de fora e da poderosa Inglaterra, o futebol foi uma atividade, a princípio, desconhecida e pouco atrativa para as camadas populares, muito por conta de ser uma disputa governada por normas e pela necessidade de saber vencer e perder, algo inusitado em um país que conhecia duelos e brigas que quase sempre acabavam mal.

Em pouco tempo, democratizou-se, digerindo o “football” como que o roubando dos ingleses, não sem as indagações de anarquistas, anarco-sindicalistas e comunistas das primeiras décadas do século passado.

Na década de 1930, na busca por elementos que estabelecessem uma identidade ao Brasil, o governo getulista (1930-1945), fez uso de elementos como o samba e o futebol (afinal, em um país feito de pátrias, tal qual uma colcha de retalhos díspares, necessário um amálgama).

Dessa forma, com viés nacionalista e autoritário, Getúlio Vargas, representando os interesses de toda uma elite urbana e industrial, procurou sobrepor-se aos regionalismos, elaborando uma comunidade imaginada soberana, no sentido proposto por Benedict Anderson (2008).

Ao assumir o poder em 1930, Vargas teria percebido o quanto o futebol tinha o predicado de mobilizar as massas e como a seleção brasileira - mesmo sem unidade até então - poderia agir como um símbolo catalisador da nacionalidade almejada.

A percepção de Vargas teria se definido também, quando, em 1932, o Brasil venceu torneio de futebol disputado no Uruguai e os jogadores foram recebidos como heróis no Rio de Janeiro, então capital federal.

Na busca do entendimento de como o futebol foi utilizado simbolicamente na construção da identidade nacional durante os anos 1930 e 1940, há uma diferenciação na visão de nação entre os agentes envolvidos: para os trabalhadores o futebol estaria ligado ao lazer; para o Estado, ao mundo do trabalho.

Através do futebol, o governo getulista passou a produzir a transição da “memória coletiva” para a “memória nacional”. Ou seja, na chamada Era Vargas (1930-1945), o esporte em questão, até então vinculado ao lazer, ganhou importância de Estado, procurando estabelecer a visão de que ricos, pobres, trabalhadores, brancos, negros e mulatos deveriam ter direito à participação do contexto geral nacional. A mensagem estava dada: da montagem de um clube de bairro à estruturação do selecionado nacional, o imaginário de nação deveria estar presente, estabelecendo-se o sentimento de pertencimento.

Após a tímida participação brasileira nas duas primeiras Copas do Mundo de Futebol (1930 e 1934), a Copa de 1938 passou a significar muito por ter marcado o encontro dos brasileiros consigo mesmo ou a intenção de fazê-lo¹, afinal foi a primeira vez que o país foi para um evento mundial com um time miscigenado (em 1930, só o negro Fausto; em 1934, apenas Leônidas da Silva). Ou seja, em 1938, o futebol teria emergido como representação social do brasileiro. A Itália foi campeã, com o Brasil terminando em terceiro lugar após cinco jogos (três vitórias, um empate e uma derrota). Na edição, o brasileiro Leônidas da Silva tornou-se o maior goleador

do torneio com sete gols (dos quatorze gols da seleção brasileira). Os jornais brasileiros, através de fotografias, procuraram mostrar o retorno dos jogadores após o evento como heróis, apontando para os torcedores como patriotas passivos e entendedores de que os atletas fizeram o melhor que lhes era possível.

Fato é que a Copa de 1938 teria alcançado seus objetivos, ou seja, utilizar o futebol para um projeto de união do país. A partir do desempenho da seleção brasileira na Copa de 1938, passou a ser fixada a ideia do futebol brasileiro como único e próprio de um estilo de vida. Praticá-lo, passou a ser visto como um dever cívico e o verde e amarelo passaram progressivamente a serem vistos como cores do nacionalismo pretendido e da identidade de um território demarcado imaginado, unindo cidadãos dispersos, agora com uma identificação e uma razão bastante sólida para compartilhar.

A partir dali, em definitivo, o até então esporte das elites tornou-se uma poderosa expressão dos setores sociais mais empobrecidos, em uma disseminação impressionante, muito pelas ações varguistas, mas também por ser o futebol a única prática esportiva que inspira a possibilidade de quebra das hierarquias sociais.

Imaginário e imaginação

Para muitos, é tolice ver um sujeito saber a escalação de seu time em determinada época, em determinada situação, em determinado campeonato. Para muitos também aparenta bobagem a lembrança de alguma jogada específica.

Para muitos soa fútil saber um hino de um clube futebolístico de cor ou endeusar imortais como Lara, eterno herói-goleiro do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Mas para o apreciador de futebol não, até porque, para os aficionados pelo esporte, lembrar e relembrar significa reviver todo um momento ou fase de vida pessoal.

No futebol, uma bela jogada não se esgota quando o lance genial se deu, mas perdura, mantém-se, e é recriada nas conversas e relatos que constituem o momento, ampliando-se, enriquecendo-se, passando a habitar o tempo da memória. Quanto mais intenso for o momento vivido, maior a rememoração, como se a necessidade

de fantasia coletiva passasse a ser individualizada. Ou seja, o futebol coloniza o imaginário e o que é desenvolvido no campo do jogo é ampliado e passa a residir o tempo da memória. Os hinos dos clubes, por exemplo, remetem à sua história, a feitos heroicos, conquistas, identidade e espaço de origem, em clara construção imaginária e social.

Clã é um grupo que acredita descender de um ancestral comum, mais mítico que histórico, contudo, vivo na memória coletiva.

Ainda que todo clube de futebol tenha origem concreta e mais ou menos bem documentada, com o tempo ela tende a ganhar ares de lenda, que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os fatos históricos. É nessa lenda (...) que todos os membros do clã orgulhosamente se reconhecem (Franco Junior, 2007, p. 214-215).

Hans Gumbrecht (2007) busca a compreensão das razões da apreciação sobre o futebol ao apontar que os torcedores não ganham nem perdem com o resultado dos jogos (a menos que façam apostas), indicando que a prática gera uma ruptura com o cotidiano.

Mesmo o deslocamento do público a um estádio pressupõe não apenas um trânsito físico, mas também uma marcha emocional e simbólica, tal qual caminhar para um ritual religioso, isso porque, no trajeto para um estádio, são construídas rupturas com a vida diária através de pequenos ritos como cânticos, ingestão de bebidas alcoólicas, xingamentos ao adversário, entre outros.

Todo este conjunto de ritos e rituais não cessa com o espetáculo, já que continua nas programações esportivas, nos "replays" das principais jogadas, nas mesas de bares, nas redes sociais, nos jornais, nos debates televisivos.

As considerações de Gumbrecht podem fazer refletir aqueles que consideram o futebol algo menor, acreditando que existem temas mais importantes, mais relevantes, mais salientes, denunciando sua futilidade por ser o esporte capaz de anestesiá-lo o espírito crítico, afastando a reflexão e a contestação, o que dificultaria percorrer o caminho de transformações sociais e políticas.

Porém, os críticos do futebol deveriam levar em consideração que a prática representa a vida: real, por vezes dramática, misteriosa e, por vezes, interessantemente alienante.

Para Hilário Franco júnior (2007, p. 34), o futebol não se diferencia da literatura, da televisão, do cinema e até mesmo do teatro, no sentido de afastar seus apreciadores da realidade:

(...) o futebol, como outras formas culturais, expressa, repensa e reconstrói idealmente uma sociedade, ainda que à sua maneira, em outro registro, com instrumentos próprios. (...) É verdade que o futebol não é realidade em si, mas fuga do real, representação imaginada.

Futebol que se adaptou tão bem em solo tupiniquim, absorvido por outros governos em busca de alívio político e pela língua, adaptada ao “futebolês”: para uma conversa informal, “bate bola”; para esquecer os problemas, “bola pra frente”; para arriscar um palpite, “dar um chute”; para se insinuar, “dar bola”; para justificar um erro, “pisada na bola”; para trabalhar duro, “suar a camisa”, entre tanto outros jargões. Termos da linguagem futebolística também ganharam tempero da culinária, como “cozinhar um jogo” ou “só um aperitivo, por enquanto”. Mesmo mais músicas passaram a ser compostas em alusão ao esporte (dando continuidade ao que já foi feito Pixinguinha em 1926 que, juntamente com Benedito Lacerda, compôs o chorinho “Pra lá de bonito 1 x 0”, em homenagem a Friendereich, jogador sensação da época).

Talvez como a música e a dança, o futebol seja a procura pelo sentido da vida. Nesse contexto, mesmo que para muitos seja uma estupidez, o jogo da bola pode ser um objeto de paixão e desafio intelectual, como afirma José Wisnik (2008, p. 46): “(...) o futebol pode ser visto como um sistema simbólico que trabalha o imaginário colocando-o aparentemente à beira de um precipício: o real da perda”. Ou seja, estamos sujeitos a ganhar e a perder, sujeitos ao imaginário do triunfo e da frustração desde o início de uma peleja, em uma instância em que as linhas de força e de fuga do embate social e da construção do imaginário se apresentam de modo ao mesmo tempo claro e cifrado, como costuma acontecer com as expressões artísticas.

A consolidação do futebol como marca no Brasil estabeleceu vínculos quase totais no cotidiano. Na falta de algum assunto, o futebol preenche vazios (desde que os interlocutores apreciem o esporte). Nas conversas, nenhuma

conclusão, tal qual uma mesa-redonda televisiva ou radiofônica, isto porque o futebol deve ser observado como meio de expressão e mediação de conflitos internos de determinada sociedade e propicia um repertório comum aos vários segmentos que dele se aproximaram, articulando tanto diferenças quanto identidades.

Na condição de elemento central, o futebol também pode marcar uma paisagem urbana, seja de uma grande ou de uma modesta cidade, tal qual uma igreja, já que um estádio, acanhado ou monumental, possui marcante centralidade funcional e simbólica, além de se apropriar de espaços públicos como ruas, praças e praias. Mesmo em um funeral, a bandeira do clube do coração do falecido aparece como decoração e acompanhamento, ocupando lugar privilegiado (caso o mesmo tenha sido um ardoroso praticante ou um reconhecido torcedor).

Transpondo a religiosidade para o esporte, vale dizer que entre fiéis e o sagrado existem os mediadores; no caso, um narrador, um comentarista, um repórter, ou seja, profissionais que procuram traduzir as relações entre o real e o que se pretende atingir, como que explicando as Sagradas Escrituras.

No decorrer de um embate, são entoados cânticos e estabelecidas manifestações, em comportamento uniforme, com louvores ao sagrado (time), onde não são toleradas blasfêmias (como exaltar o adversário) ou heresias (como criticar um jogador consagrado).

O brasão funciona tal qual uma imagem religiosa (totemismo, caso o entendamos como um conjunto de práticas baseadas na crença da existência de um parentesco místico entre os homens e a natureza). A vitória, no futebol, é um triunfo coletivo, quase uma sentença de Deus.

Talvez o grande atrativo para os admiradores do futebol seja o fato de o pequeno poder vencer, diferentemente de outros esportes coletivos. Outra razão pode vir da vontade de chutar, agredir com o pé o que sempre (ou quase) viu e vê à sua frente, tal qual uma lata, uma casca de fruta ou a falta de perspectivas concretas.

Fato é que no Brasil o futebol foi incorporado rapidamente por diversas razões, entre elas o fato de não dar o direito ao vencedor de portar-se com extrema arrogância,

nem ao derrotado sentir-se menor, até porque o futebol é cíclico: uma derrota hoje pode ser rapidamente absorvida pela vitória na peleja seguinte. Também não há graça quando uma equipe faz muitos gols. Caso ocorra, será monótono.

Roberto DaMatta (1994) indica que o futebol constituiu em veículo para uma série de dramatizações e representações da sociedade brasileira, permitindo a expressão e vivência de problemas nacionais. Segundo o antropólogo, um dos traços essenciais do drama é sua capacidade de revelar, representar e descobrir relações, valores e ideologias que podem estar em estado de latência em dado sistema social.

O drama provocado pelo futebol não é só um temporário gozo ou depressão momentânea; seria, também, uma manifestação das frustrações, ambições e desejos. Para DaMatta, o futebol, ao lado do carnaval e do samba, é um espaço democrático apropriado por populares como palco para representações dramáticas por apresentar a imprevisibilidade de resultados e a possibilidade do improviso. Ou seja, sem o drama não há rito e através do ritual e do drama uma população conta sua história que, no caso da brasileira, revela momentos de liberdade, indicando o caráter funcional da prática que permite compreender sua função social, embora o futebol, apesar de coletivo, apresente ingredientes próprios de individualidade e improvisação, como expressão da sociedade brasileira, justificando a popularidade do esporte.

DaMatta e colaboradores (1982, p. 34) afirmam, ainda, que o futebol brasileiro ganhou característica de um evento tocante no qual “o jogo não é senão a roupagem que encobre e ao mesmo tempo adorna uma complexa trama de significados”, com os embates entre as equipes passando a representar nações ou clubes, com os participantes do jogo tornando-se não apenas os jogadores efetivos, mas os apreciadores das arquibancadas ou mesmo através dos noticiários, fazendo-se expressos sentimentos que envolveriam outras esferas da vida social.

No entanto, a mais importante contribuição de DaMatta talvez seja a inclusão do futebol no conjunto dos fatos sociais relevantes ao entendimento da sociedade brasileira e do brasileiro em si.

De acordo com a narrativa construída em torno do imaginário social que engloba o futebol, a criatividade, o improviso e a “malandragem” do jogador brasileiro, diferencia a prática no país da dos solos europeus, constituindo a “ginga” nacional um importante fator e elemento de identidade nacional.

Dessa forma, o imaginário renega a construção do passado através de um time idealizante, demonstrado até mesmo em embates entre casados e solteiros que podem fazer alusão ao status do indivíduo: os que podem e os que não devem procriar, os providos e os desprovidos de liberdade.

“Porco”, “favelado”, “burguês”. Traduzindo: Sociedade Esportiva Palmeiras, Sport Club Corinthians Paulista, São Paulo Futebol Clube. O Futebol remete ao espectro social, às origens dos clubes. A luta, o estigma, a boa vida, são registrados sem grandes valores práticos, como uma ofensa às matrizes e às procedências, mas que se resolve no jogo, na guerra, em que cada grupo procura se afirmar e reafirmar sobre o outro através da vitória. Se assim, a condição nos remete ao imaginário ao se procurar superar diferenças sociais, reafirmar visões de mundo e identificar preferências.

O papel de Mário Filho na construção do imaginário através do futebol

Um dos maiores responsáveis para a penetração do futebol no imaginário brasileiro foi o jornalista Mário Leite Rodrigues Filho (1909-1966), que renovou a linguagem e os recursos da representação dos fatos esportivos utilizados na imprensa ao criar um repertório de representações que teria colaborado para a edificação do imaginário futebolístico, tal qual um romance, apegando-se a aspectos e acontecimentos dramáticos e pitorescos, “construindo” notícias e distanciando-se do jornalismo tradicional marcado pela rigidez e suposta seriedade.

Filho engrandeceu a ideia do futebol brasileiro como algo específico, ou seja, se na Argentina e no Uruguai a prática futebolística é baseada no improviso e na força, se na Inglaterra o football é tático e coletivo, no Brasil as características seriam baseadas na imprevisibilidade e ofensividade, ou seja, no “futebol-arte”. Dessa forma, clichês, identidades e tradições sobre nossa maneira de praticar o futebol foram perpetuadas e ressignificadas por Mário Filho.

Mário Filho (tal qual seu irmão, Nelson Rodrigues) iniciou sua carreira jornalística no jornal A Manhã, fundado por seu pai, Mário Rodrigues, em 1925, no Rio de Janeiro.

Ao perder o controle de A Manhã em 1928 para seu sócio, Antônio Faustino Porto, Mário Rodrigues fundou um novo periódico (Crítica).

Mário Filho acompanhou o progenitor na nova empreitada, tornando-se responsável pela página esportiva do novo jornal. Ali, criou uma forma de cobrir as competições esportivas ao produzir matérias anteriores aos jogos de futebol, acompanhando treinos e momentos de preparo (até então as notícias relacionadas aos esportes eram veiculadas após a realização dos embates), além de simplificar as denominações dos clubes de futebol (Fluminense Foot-ball clube, por exemplo, tratado apenas como Fluminense ou Flu). E foi além: passou a produzir matérias sobre a vida dos jogadores, deixando de lado formalidades e contribuindo para aproximar atletas e torcedores clubistas. Manchetes chamativas, closes ampliados de praticantes do jogo da bola e fotos de jogadores com uniforme de jogo, tornaram-se comuns.

Segundo Fátima Antunes, as inovações introduzidas por Mário Filho na cobertura de eventos esportivos consolidar-se-iam com o tempo e, aos poucos, também seriam adotadas por outros jornais, acompanhando, sobretudo, o aumento da popularidade do futebol, o crescimento do público leitor e a mobilização favorável à oficialização definitiva do futebol profissional (Antunes, 2004, p. 125-126).

Em 1931, Mário Filho assumiu a página esportiva de O Globo. A seção do jornal transformou-se ao abrir espaço para relatos pré-jogos, expectativas de atletas e torcedores, bastidores dos clubes, além de detalhes sobre a vida fora de campo de jogadores, muitas vezes com matérias em tom dramático que seguiam linguagem policial ao dar conotação sentimental à origem de vida de alguns atletas. Charges, fotos e caricaturas passaram a realçar personagens da prática, num “processo de retroalimentação em que a notícia criava interesse pelo jogo, que por sua vez atraía mais leitores para o jornal” (Silva, 2006, p. 77).

Mário Filho foi um dos grandes estimuladores da profissionalização do futebol, ocorrida em 1933. Instituiu, ainda, um

campeonato de torcidas e criou prêmios individuais aos torcedores de futebol mais criativos e organizados, além de valorizar jogos entre os principais clubes do Rio de Janeiro a partir da história deles, criando o que na atualidade entendemos por “clássico”. Na ausência de acontecimentos no mundo futebolístico, Filho passou a promover outros esportes como natação, boxe e remo.

Em 1936 Filho adquiriu, juntamente com Roberto Marinho (1904-2003), o Jornal dos Sports. O periódico passou a manter publicação diária, como derivação do Jornal Rio Sportivo, que até então circulava duas vezes por semana. O sucesso do Jornal dos Sports fez com que, a partir de 1937, veículos como O Estado de S. Paulo e A Noite, também passassem a inserir suas seções de esporte, em detrimento, em inúmeras ocasiões, às seções de assuntos políticos. Em pouco tempo, o futebol ganhou, em definitivo, as transmissões radiofônicas, não sem uso dos interesses estadonovistas.

Mesmo à figura da mulher, o JS passou a dar espaço, procurando inseri-la nas práticas esportivas do Rio de Janeiro (“bello sexo” foi a forma de referência ao gênero feminino nas matérias) através, inclusive, do “Concurso de Palpites” sobre prováveis resultados das pelepas:

O bello sexo integrado às emoções sportivas. Mais de sessenta mil senhoras e senhoritas concorreram ao sétimo bolo desta folha. Já vae longe o tempo em que o sport era privilégio de homem. Tudo evoluiu. O sexo belo deixando os preconceitos de lado, introduziu-se nos sports, dando alegria às praias, vida ao estádio e animação às piscinas. (...) Uma prova das tendências sportivas da mulher brasileira está patenteada no número verdadeiramente assombroso de concorrentes do sexo bello ao sétimo bolo sportivo organizado pela Rádio Transmissora e JS. Num total de 151.212 concorrentes, 63.311 pertencem ao chamado sexo frágil. Como se verifica, 40% dos leitores do JS pertencem ao sexo feminino (Jornal dos Sports, 11/08/1937, capa).

Mário Filho, ao narrar com dramaticidade eventos esportivos (em especial os de futebol), contribuiu decisivamente para a edificação de um ar lírico à prática. E as novidades não cessavam: em 1944, por

exemplo, cartuns de autoria do argentino radicado no Brasil, Lorenzo Miguel Ramón Molas, e do brasileiro Henrique de Sousa Filho (Henfil), ganharam espaço no Jornal dos Sports, com personagens que se tornaram símbolos aos tradicionais clubes de futebol do Rio de Janeiro.

Na obra *O negro no futebol brasileiro*, de 1947, sob forte influência de Gilberto Freyre, Mário Filho buscou no passado e na evolução de suas narrativas o papel do futebol na construção de uma suposta identidade nacional, não com falsas verdades, mas com interpretações próximas às ficções literárias e com apelo emocional de intensa penetração pública, sem perder a veia jornalística. Na publicação, Filho influenciou a edificação do imaginário ao marcar a identidade do futebol no Brasil ao relacioná-lo a negros e descendentes, chegando a afirmar que “(...) o futebol apaga a linha da cor. O clube, esquecendo-se que tinha preto no time, o preto esquecendo-se de não lembrar mesmo que era preto” (Mário Filho, 1947, p. 23).

No que tange ao futebol brasileiro, Freyre chegou a afirmar que a miscigenação de etnias teria produzido no país um tipo diferente: o mulato flamboyant, síntese de sua teoria da democracia racial:

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manhã, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyante, ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que afirmação verdadeira do Brasil (Freyre, 1945, p. 421-422).

Em 1949, Mário Filho tornou-se sócio majoritário do Jornal dos Sports. A partir de então, a publicação passou a abrir espaço para leitores através de cartas, além de noticiar bailes de carnaval, filmes de cinema, peças de teatro e promover eventos nos recessos dos

campeonatos de futebol na praia carioca de Copacabana, na Quinta da Boa Vista, na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Aterro do Flamengo e mesmo em estádios como o de São Januário (Vasco da Gama), mantendo a dinâmica esportiva da cidade e a venda regular do periódico, agora sob seu domínio completo. As páginas cor-de-rosa do jornal passaram a fazer uso de tiras e quadrinhos para ilustrar as campanhas dos times de futebol do Rio de Janeiro nos campeonatos, veicular negociações em torno de jogadores e exaltar certo nacionalismo.

No mesmo ano, o Jornal dos Sports passou a promover os Jogos da Primavera, procurando fidelizar a figura da mulher no seu quadro de leitores, porém com atividades consideradas compatíveis com a natureza feminina:

Jogos da Primavera! O mais bonito certame desportivo do Brasil! Mais uma iniciativa do JS visando desta feita a maior propagação, entre nós, dos desportos femininos. (...) Foi atentando para o estímulo que está a merecer o desporto feminino, ainda carecedor de maior propagação, que o Jornal dos Sports incluiu em seu programa de iniciativas a realização de uma Olimpíada incentivando a prática de todos os esportes praticados pela mulher (Jornal dos Sports, 23 de julho de 1949, capa e p. 6).

A Copa de 1950, realizada no Brasil, ganhou contornos promocionais espetaculares do JS. Diante da derrota brasileira na final contra o Uruguai (Maracanazo), a análise das publicações permite concluir que a linha editorial do periódico passou a enfatizar o patriotismo com menos volúpia, assim como à figura do jogador da prática como mito. Porém, não havia mais retorno sobre o que agora passaria a ser controle progressivo da televisão.

Mário Filho comandou o JS até 1966, ano de seu falecimento, deixando no rastro de seu sucesso impressos como *A Gazeta Esportiva* (destaque à figura de Tommaso “Thomas” Mazzoni, também simplificador da linguagem esportiva e com grande cobertura ao futebol de várzea paulista), *Revista Placar* e revista *O Lance*.

Imaginário absorvido pelo capital

Para o historiador José Meihy (1982), o futebol possui duas vertentes. A primeira é ideológica, de cunho cultural-nacionalista, quase poético; a segunda é de caráter empresarial, o que envolve os meios de comunicação, o futebol-empresa e os serviços gerais que envolvem a economia da prática, próprio da transformação de bens culturais em mercadorias, seguindo a lógica consumidora de converter o tempo de lazer em tempo do consumo, embora no processo de espetacularização da prática, tal qual como a temos em tempos liberais, a presença do saudosismo mantém-se como elemento presente à crítica ao futebol moderno e comercial que teria decretado o fim do “futebol-arte”, em uma farsa que contribui para a desorganização administrativa de diversas agremiações, como que tentando desvencilhar o futebol antigo de interesses econômicos e financeiros.

Na história do futebol brasileiro, o jogador já serviu a um clube como operário fabril, destinado a obedecer e servir. Agora, vê-se transformado em produto e mercadoria. Muitos atletas tornaram-se jogadores-empresa, ou seja, empreendedores de si, necessitando da contínua valorização no mercado da bola e da contínua demonstração de que continuam valorizados para atrair a atenção de investidores e consumidores finais (torcedores), embora a condição seja para poucos.

O futebol-espetáculo é impulsionado pelo marketing esportivo, indicando ser o torcedor de estádio menos importante do que o de seio doméstico. Ou seja, o futebol de estádio passa, progressivamente, a mostrar-se pequeno para os interesses publicitários, aparecendo como um produto (mais um) a ser consumido, numa preocupação quase total com o telespectador e não com os espectadores físicos (poucos e cada vez menos significantes pela abrangência, embora a diminuição do número de lugares nas arenas e estádios tenha a intenção de civilizar o futebol para mostrá-lo sob controle das telas).

Com a globalização futebolística, estabelece-se a consequente degradação do espaço público e a privatização das atividades de lazer, o que significa dizer que estádios erguidos como espaços coletivos mostram-se,

de certa forma, incompatíveis com a mercadorização do futebol (talvez daí a necessidade de dramatização da violência, afastando populares dos palcos futebolísticos ao mostrar os espaços como ambientes perigosos).

No entanto, um paradoxo: o futebol da televisão quer o telespectador em casa, porém a televisão precisa que existam apreciadores nos estádios e arenas como forma de fazê-los avaliadores do que é transmitido, além de tê-los para que o consumidor não se desmotive sem a presença e até mesmo com o som da torcida, embora, na maioria das vezes, tal som seja criado pela própria transmissora.

Ao apreciador de futebol de estádio, o mundo frequentado é totalmente diferente já que é contextualizado e não fragmentado pelos lances que interessam para a televisão, em experiência completamente distinta, até porque o telespetáculo cria realidades que ferem a autonomia do apreciado.

Para González e colaboradores (1998, p. 208), a intenção da televisão é a de iludir os telespectadores:

(...) contribuye como ningún outro elemento a preservar, e incluso simplificar, la ilusión básica del espectador desportivo: que el resultado del juego importa. (...) alrededor de esta idea gira el gran negocio y espectáculo del deporte, ya que el objetivo principal es encontrar formas para crear y mantener dicha ilusión, consistiendo sencillamente el entretenimiento que despierta el resultado.

Na telespetacularização, o apelo ao drama, ao sentimentalismo e à emoção, em detrimento da análise criteriosa (embora sejam estimuladas opiniões pessoais através de entrevistas normalmente direcionadas, desde que elas não interfiram no contexto de consenso desejado). Mesmo os programas esportivos não se diferenciam, embora tentem fazê-lo.

CONCLUSÃO

Não se pode descartar a visão de que, através do futebol, o brasileiro aprendeu a expressar-se, a revelar-se, procurando contar a sua história a partir de si, mesmo sem grande clareza.

Para os amantes do esporte, futebol se vive, se consome, se pratica. E se sonha. Afinal, qual amante do jogo da bola nunca viveu, reviveu e imaginou jogadas pessoais espetaculares? Talvez por essa razão um telespectador veja, reveja e veja de novo uma mesma jogada de efeito, um mesmo gol, um lance interessante ou bizarro (no sentido de esquisitice).

Algo incompreensível para os distantes das pelepas. Um chapéu, um drible, uma ginga desconcertante, podem valer mais do que um gol, já que para o futebol não basta a meta, mas os fatos e os meios.

Importante que se reflita sobre o papel da imprensa esportiva na formação da identidade nacional e na construção da memória através do resgate de imagens, fatos, êxitos e fracassos, além da estruturação do futebol enquanto espetáculo captador de bons negócios. A ação da imprensa esportiva formou (e continua a formar) tradições através de apropriações do passado. Neste sentido, destaque à figura de Mário Filho.

Na atualidade, esvaziado ou esvaziando-se, elitizado ou elitizando-se (vide distanciamento do público dos estádios), espetacularizado e espetacularizando-se de forma intensiva, seguindo ou não os princípios neoliberais de resultados eficientes e com placares mínimos, ou seja, quais forem seus caminhos futuros, o futebol, no Brasil, já consolidou trajetória própria na história ao se envolver, direta ou indiretamente, nos rumos de um Estado em constante busca de si e de um povo apegado ao imaginário e à imaginação como forma de manter-se em vida.

Mesmo com os novos direcionamentos capitalistas, não se pode desprezar o esporte que saiu da condição de elite para engrossar o cotidiano de milhões de brasileiros e que, mais do que rivalizar, ainda une, apesar das diferenças. Uma expressão que se mantém mesmo diante da tentativa de civilizá-lo através da diminuição do tamanho dos estádios, moldando-os de forma restritiva tal qual shoppings-centers.

Certo é que o futebol é um reflexo do que somos e como temos olhos ao mundo. Servindo ou não a propósitos, talvez Wisnik (2008, p. 11) tenha razão ao afirmar que “viver o futebol dispensa pensá-lo, e, em grande parte, é essa dispensa que se procura nele”.

REFERÊNCIAS

- 1-Anderson, B. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo. Companhia das Letras. 2008.
- 2-Antunes, F. M. Com o brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo. UNESP. 2004.
- 3-Baczko, B. Imaginação social. In: Enciclopédia Einaudi: memória e história. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda. Vol. 1. 1985.
- 4-Benjamin, W. Brinquedos e jogos. In: Benjamin, W. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. Tradução de Marcos Mazzari. São Paulo. Editora 3. 1984.
- 5-Castoriadis, C. A instituição e o imaginário. Primeira Abordagem. In: A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 3ª edição. 1982.
- 6-Damatta, R. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 3ª edição. Rio de Janeiro. Zahar. 1984.
- 7-Damatta, R.; Vogel, A.; Neves, L. F.; Guedes, S. L. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro. Pinakothke. 1982.
- 8-Deleuze, G. Conversações. Rio de Janeiro. edição. 34. 1992.
- 9-Durand, G. Imaginaire: essai sur de les sciences et la philosophie de l'image. Paris. Haïter. 1994.
- 10-Franco Júnior, H. A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.
- 11-Freyre, G. Sociologia. Rio de Janeiro. José Olympio. 1945.
- 12-González, J. D. El deporte mediático y la mercantilización del deporte: la dialéctica del deporte de alto nível. Madrid. Alianza Editorial. 1998.

13-Gumbrecht, H. U. Elogio da beleza atlética. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.

14-Heller, A. Sociologia de la vida cotidiana. Barcelona. Península. 1977.

15-Houellebeck, M. O soldado de Tocqueville. Folha de São Paulo. São Paulo. 3 fev. 2008. p. 10. Caderno Mais.

16-Jornal dos Sports. edições de 1937 e 1949.

17-Kupper, A. Os Segredos da bola. São Paulo. Dialética. 2021.

18-Maffesoli, M. O Imaginário é uma Realidade (entrevista). Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Vol. 1. Núm. 15. p.74-82. 2001.

19-Meihy, J. C. S. B. Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial. 1982.

20-Pesavento, S. J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História. São Paulo. Núm. 29. 1995.

21-Pitta, D. P. Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand. 1ª edição. Rio de Janeiro. Atlântica Editora. 2005.

22-Silva, J. M. As Tecnologias do Imaginário. Porto Alegre. Sulina. 2012.

23-Silva, M. R. Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte. UFMG. 2006.

24-Wisnik, J. M. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo. Cia das Letras. 2008.

Recebido para publicação em 26/04/2022
Aceito em 01/06/2022